



montemuro  
e paiva

CENTRO DE  
INTERPRETAÇÃO  
E INFORMAÇÃO



## 5.1. A MONTANHA E O RIO: O COMEÇO DA JORNADA HUMANA

RAQUEL VILAÇA E PEDRO SOBRAL DE CARVALHO

[PÁGINA ANTERIOR]

Castro da Maga (Castro Daire)

[Foto: Pedro Sobral de Carvalho]

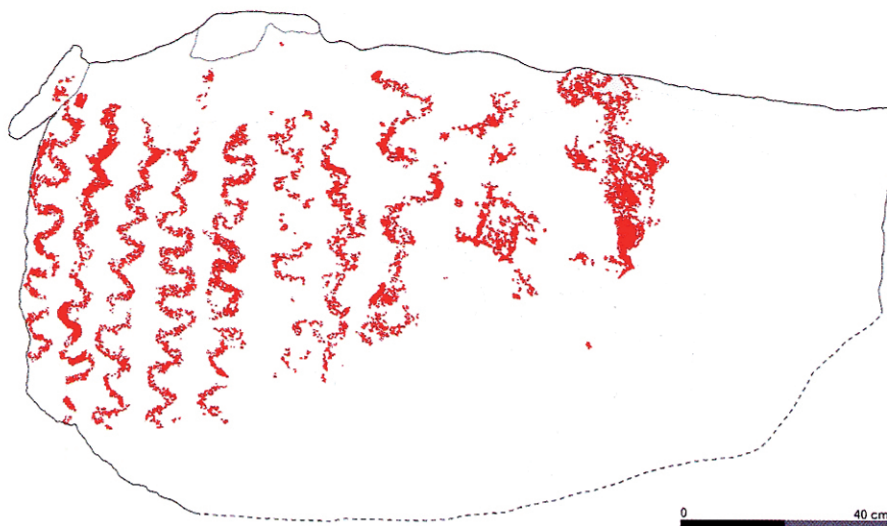
É na montanha que encontramos os mais antigos vestígios do Homem. Há cerca de 6000 anos, em pleno Neolítico, este aproveitou os recursos do território para a prática da agricultura e da pastorícia. Com o termo “neo” (novo) surgem novas técnicas e instrumentos, como o machado e a enxó de pedra polida, a cerâmica ou os moinhos, mas não se abandonam as restantes atividades complementares como a caça e a re-coleção, heranças de outros tempos.

Porém, os únicos vestígios deste período resumem-se, neste momento, às suas sepulturas: os dólmenes ou antas, verdadeiros templos erigidos em honra dos antepassados. Só no concelho de Castro Daire estão referenciados 66 monumentos megalíticos.

Os estudos arqueológicos sobre esta época neste território estão ainda no início. No entanto, se olharmos para as regiões vizinhas, bem estudadas como o Alto Paiva (Cruz, 2001), a oeste, e a zona de Arouca a este (Silva, A. M., 2004; Silva, F. P.), poderemos, mesmo arriscando o transporte de modelos que podem não ser os mais corretos, afirmar que, por certo, o que melhor caracteriza o megalitismo da região é o polimorfismo das suas arquiteturas. Neste sentido, podemos observar na paisagem montemurana necrópoles pré-históricas com monumentos de grandes dimensões que convivem com pequenos monumentos. É certo que haverá diferenças cronológicas entre alguns deles, mas terá havido períodos em que coexistiram alguns monumentos muito diferentes entre si. Se, como já referimos anteriormente, tivermos como referência sobretudo o Alto Paiva, podemos adiantar como hipótese que os mais antigos monumentos funerários poderão ter sido edificadas, no Neolítico Médio/Final.

Uma das realidades que parece ser comum na Beira Alta é que por volta de 4000 e 3700 a. C. terão sido edificadas os grandes dólmenes com corredor com complexos sistemas de acesso (corredores intratumulares, átrios, etc.). Foi neste período que o interior de muitos destes monumentos foi decorado com motivos pintados e gravados, como é o exemplo do Dólmen 1 do Lameiro dos Pastores, concelho de Cinfães (Cruz & Santos, sd).

Levantamento das pinturas do  
Dólmen 1 do Lameiro dos  
Pastores, seg. Cruz & Santos, s.d.



A Pré-história neste território é assim marcada pelas imensas necrópoles que se estendem pelos planaltos da Serra do Montemuro. Territórios sagrados, estes amplos cemitérios agregam sepulturas de várias épocas e de várias tipologias. Dos grandes dólmenes neolíticos, às pequenas mamoas dos finais da Idade do Bronze e eventualmente da Idade do Ferro, estas necrópoles são as mais importantes manifestações rituais do Montemuro.

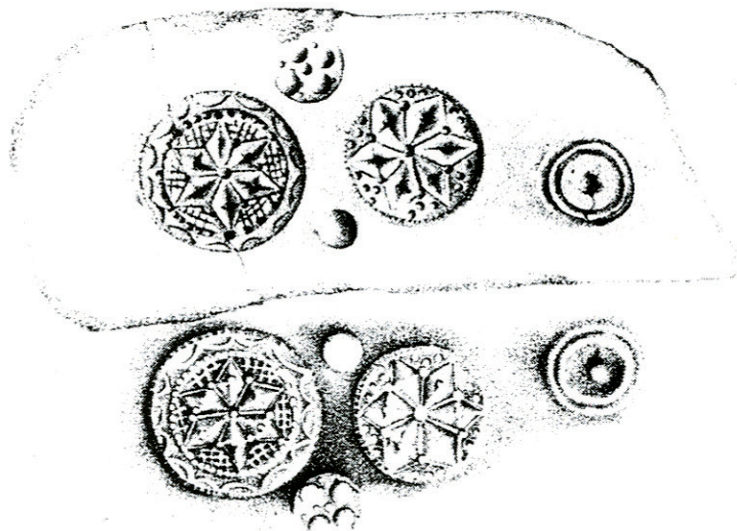
Dando continuidade a um modo de vida ancestral baseado em atividades agro-pastoris que determinariam, ciclicamente, a forma de perceber o tempo, as comunidades da Idade do Bronze e da Idade do Ferro da região vão reestruturar-se lentamente incorporando novos conhecimentos.

Entre eles, o trabalho dos metais – primeiro do cobre e do ouro, depois do bronze (liga de cobre e de estanho) e mais tarde do ferro – foi responsável por profundas alterações. Artesãos especializados, testemunhando uma organização social e económica complexa, criam novos objetos (como os obtidos dos moldes de Vila Boa e da Póvoa de

Montemuro) com formas impossíveis de adquirir com as matérias-primas tradicionalmente utilizadas (pedra, madeira, argila, osso, etc.) e esteticamente revolucionários porque, além de revelarem novas formas e novas cores, também brilham.

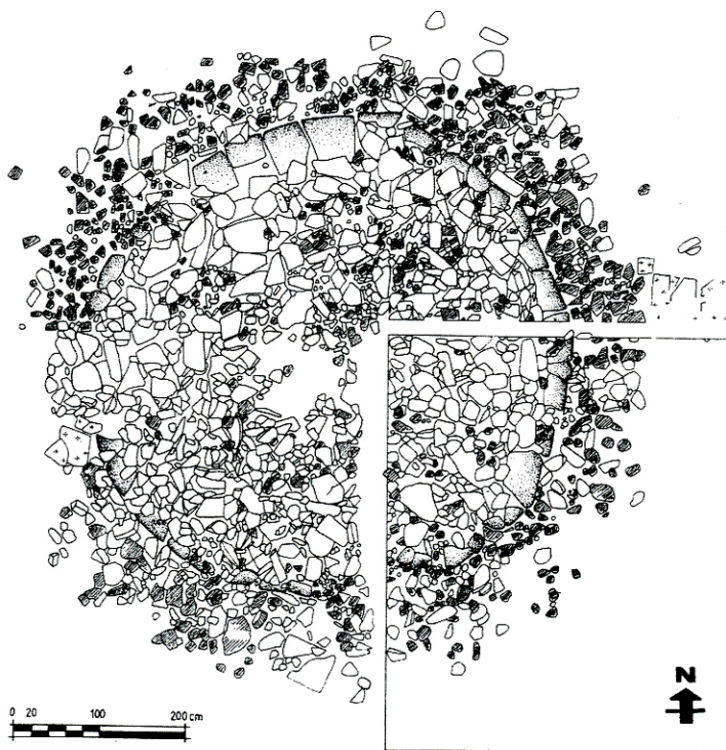
Em contraste com esta complexidade tecnológica, a organização dos espaços habitados parece ter sido pouco estruturada. Destacam-se os lugares de altura, como o Outeiro da Maga, com ampla visibilidade em redor, por vezes rodeados de muralhas, indicando crescente concentração das comunidades e manifesta preocupação de controlo territorial.

Este modelo de *habitat*, que resiste em época romana, deverá ter coexistido com outras formas de ocupação mais dispersa, talvez protagonizadas pelos grupos construtores de pequenos monumentos funerários e rituais que, quando nuclearizados, chegam a definir verdadeiros campos sagrados, conforme expressa o conjunto da Senhora da Ouvida.



Molde de remate de torques, seg. Silva, 2007, p. 639.

Planta do monumento 7 da  
Necrópole da Senhora da Ouvida,  
seg. Cruz e Vilaça, 1999.



Tutelada pela imponência do Montemuro que lhe fica a NNW, a ampla plataforma em redor da capela da Senhora da Ouvida distingue-se de outras da região pela presença de quase quatro dezenas de pequenos montículos subcirculares de pedras (*cairns*), a maioria quase impercetível. Por isso mesmo, é recente a sua identificação admitindo-se que possam existir outros (Cruz & Vilaça, 1999). Por isso, também alguns sofreram involuntário arrasamento, enquanto outros o foram já após identificação.

Certo é também que aquele espaço foi sendo ao longo dos tempos, concretamente e sobretudo na segunda metade do II milénio a. C. (há cerca de 3.500 anos), frequen-

tado por comunidades que lhe imprimiram aura sagrada, aí enterrando seus mortos, ou o que deles restava, ao mesmo tempo que expressariam dor pelos que partiam e receio pelo mundo desconhecido. Essas estruturas, ou pelo menos algumas delas, deverão ter servido para acolher resíduos de corpos incinerados, ritual que, à época, se praticava. Outras ações ritualizadas, como oferendas, preces, cânticos, danças e até mesmo o insepultamento dos mortos, que seriam expostos, são admissíveis embora a Arqueologia já não os possa recuperar.

O carácter sagrado do lugar não se esfumou no tempo. A capelinha construída há mais de dois séculos aí está para lembrar.

Excepcionalmente, esses marcadores simbólicos podem incorporar grafias, caso do monumento 1 da Travessa Lameira de Lobos, (Cruz; Vilaça; Santos, 2014) e tal como se observam na arte rupestre, por exemplo na Pedra dos Pratos.

Uns e outros moldaram as paisagens das comunidades dos II e I milénios a.C. destas terras planálticas e serranas, resistindo à tirania do tempo e à distração dos homens.

Levantamento da Pedra dos Pratos, seg. Santos, 2000.



